

Métodos de *survey*: teoria e prática na pesquisa¹

Jaime Giolo*

A obra em epígrafe não é lançamento recente. Publicada, originalmente, em 1973, nos Estados Unidos, foi revisada pelo autor a partir de 1988, vindo a ser reeditada, no formato atual, em 1997. A primorosa tradução para o português, feita por Guilherme Cezarino, consubstanciou o projeto editorial da Universidade Federal de Minas Gerais, que veio a lume em 1999. Em 2005, saiu a terceira reimpressão. O objetivo desta resenha não é, como se pode ver, divulgar uma obra desconhecida, mas reafirmar o valor de um clássico. Trata-se, por certo, de um dos melhores trabalhos que existem sobre métodos de pesquisas de *survey* ou pesquisas de campo, ou melhor, pesquisas por amostragem.

A proposta do livro é em tudo elogiável, pois guarda preocupações que atendem, igualmente, aos interesses práticos de operacionalização da pesquisa e aos interesses da elaboração teórica. Desse modo, tanto os organismos de pesquisa aplicada, de todos os matizes, quanto a academia encontram nas mais de quinhentas páginas do livro material bastante para suas atividades instru-

mentais ou de pensamento. Interessamos, aqui, atrair as atenções dos pesquisadores da educação, especialmente dos professores e alunos dos programas de pós-graduação que, frequentemente, batem cabeça para solucionar problemas teórico-práticos da pesquisa acadêmica. Entre nós (os educadores), é preciso reconhecer que muita conclusão bombástica é tirada de inquéritos ou levantamento de dados feitos em bases conceituais e técnicas profundamente frágeis. Também nos acomete, seguidas vezes, a tentação de divagar por regiões abstratas e complexas como forma de escondermos nossas deficiências no terreno do rigor científico. Uma paciente leitura da obra de Earl Babbie nos atrairá para o chão fértil do rigor metodológico.

* Doutor em História e Filosofia da Educação pela USP. Professor e pesquisador junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação e da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo. E-mail: giolo@upf.br

¹ BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisas de Survey*. Trad. de Guilherme Cezarino. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 519 p.

Não há no livro nenhuma defesa dogmática da ciência, nem, muito menos, dos métodos de *survey*. O autor tem plena consciência de que “nenhum survey satisfaz plenamente os ideais teóricos da investigação científica. Cada um representa um conjunto de compromissos entre o ideal e o possível”. (p. 31). Sua própria concepção de ciência, posto que positiva, não é totalitária. Em síntese, “é uma atividade humana significativa” (p. 41), condensada mais em teorias do que em verdades prontas e redondas. Teorias, entretanto, não são quaisquer conjuntos de idéias mal costuradas; “são o resultado final de uma longa cadeia de dedução e indução”. (p. 41). A ciência é, sim, uma atividade racional e lógica, geral (busca incessantemente as leis que subjazem ao comportamento dos fenômenos) e parcimoniosa (reduz o complexo ao simples), mas, acima de tudo, é uma atividade intersubjetiva e aberta à crítica. São essas características que dão à ciência a respeitabilidade que ostenta no campo do conhecimento, não a afirmação de verdades absolutas.

Com essa visão moderna de ciência, o autor consegue demonstrar a pertinência da investigação científica no campo das realidades sociais. A ciência social não é menos ciência do que a ciência natural. Ela é, por certo, uma ciência difícil, mas não uma ciência menor. Em vez da tradicional diferenciação entre “ciências duras” (no sentido de sólidas, demonstráveis) e “ciências macias” (no sentido de voláteis, conjecturais), o autor considera mais verdadeira essa outra diferenciação: “ciências duras” (difíceis e complexas), as que investigam objetos

sociais, e “ciências fáceis”, as que pesquisam objetos naturais. É por isso que as ciências sociais requerem métodos sofisticados e cuidadosos. Nesse terreno, a palavra “método” vem sempre no plural porque o objeto exige um acercamento múltiplo. “Pesquisadores sociais que se restringem a um só método limitam gravemente sua capacidade de entender o mundo ao seu redor”. (p. 67).

Vários métodos são utilizados, com proveito, nas ciências sociais, dependendo da pergunta que é feita ao objeto e da resposta que se quer obter. *Survey* é um desses métodos, porquanto seja, provavelmente, o “método de pesquisa mais conhecido e amplamente usado nas ciências sociais”. (p. 29). Apesar de o autor se concentrar no estudo desse método, não deixa de dialogar com os demais e de mostrar as possibilidades de cada um. Permite-nos, por meio desse entrecruzamento de informações, obter maior clareza a respeito de outras formas de investigação: experimento controlado, análise de conteúdo, análise de dados existentes, estudo de caso e observação participante. Conscientemente ou não, o livro constitui-se, dessa forma, numa comprovação da tese de que “a pesquisa de survey oferece o melhor exemplo para ensinar metodologia nas ciências sociais”. (p. 82).

No tocante ao específico da obra, o leitor encontrará análises precisas e exemplificadas dos elementos centrais do *survey*: (a) desenho da pesquisa (*survey* interseccionais, longitudinais e mistos); (b) realização da pesquisa (questionários autoadministrados e entrevistas); (c) análise de dados. Cada um desses

elementos é observado em seus aspectos formais e também na sua dinâmica de funcionamento, ficando a sensação para quem lê de estar participando ativamente na construção prática de uma pesquisa. Isso resta ainda mais evidente quando o autor inicia o detalhamento da amostragem. “Tipicamente, métodos de survey são usados para estudar um segmento ou parcela - uma amostra - de uma população, para fazer estimativas sobre a natureza da população total da qual a amostra foi selecionada”. (p. 113).

A amostra é vantajosa em termos econômicos (geralmente a população que se quer estudar exige, para uma coleta universal, recursos que ultrapassam as possibilidades dos pesquisadores ou dos órgãos de financiamento), de tempo (a coleta universal é, geralmente, muito demorada) e, conseqüentemente, de qualidade dos dados (a coleta universal exige muitos agentes de campo, o que dificulta o seu treinamento; além disso, a coleta universal, por ser demorada, tende a fornecer dados desatualizados ou defasados). Essas vantagens da amostra, contudo, de nada serviriam se não fornecesse garantias científicas equivalentes à coleta universal. Ela as fornece, sob a condição de ser cuidadosamente desenhada, conduzida e analisada. Eis o segredo do método.

A modalidade ideal para as pesquisas de *survey* é a amostra probabilística, conhecida como MIPSE (método de igual probabilidade de seleção). Em poucas palavras, isso quer dizer que uma amostra será representativa da população “[...] se todos os membros [...] tiverem oportunidade igual de serem

selecionados@”. (p. 120). É a regra do sorteio. Para conceder a cada elemento da população a chance igual a todos os demais de ser incluído na amostra, os cuidados iniciais têm de incidir sobre a definição do elemento da amostra (unidade sobre a qual é feita a coleta e a análise das informações, como indivíduo, família, cidade...); da população (conjunto dos elementos sobre os quais se faz a pesquisa); moldura (em termos ideais é a população, mas na realidade é a população possível de ser atingida); unidade de observação (elemento que presta a informação, podendo ser igual ou diferente à unidade de coleta e análise); variável (conjunto de características mutuamente excludentes, como idade, sexo, etc.). Além disso, é decisivo definir se a amostra será aleatória simples, sistemática, estratificada ou por conglomerados. Os passos seguintes são: delimitação do tamanho da amostra, confecção de questionários, forma da coleta e procedimentos adequados para garantir que a amostra definida seja, de fato, abarcada e forneça as respostas conforme planejado.

Resta, finalmente, atentar para as exigências no tratamento dos dados. Nesse aspecto, é indispensável o aprimoramento (teórico e técnico), necessário para operar com conceitos como parâmetro, erro amostral, nível de confiança, média, mediana, desvio-padrão, etc. Hoje, não mais se pode pensar numa pesquisa de *survey* sem incorporar, como natural, o uso do computador. “O que o microscópio foi para a biologia e o telescópio para a astronomia, o computador tem sido para a moderna ciência social.” (p. 280).

Como se não bastasse esse longo e detalhado percurso, o autor reserva a última parte para discutir a pesquisa no contexto social e, nisto, os parâmetros éticos que acompanham o ofício do pesquisador.

Quem tiver a coragem, e é bom que todos a tenhamos, de examinar o volumoso escrito de Earl Babbie não chegará ao fim decepcionado com a obra

nem com o autor. Poderá sair, isso sim, insatisfeito consigo mesmo ao reconhecer a fragilidade de certas pesquisas pregressas que, eventualmente, tenha realizado sem os devidos cuidados técnicos ou sem a necessária precisão conceitual. No limite, também isso será bom, pois na academia se considera saudável o despertar dos cochilos dogmáticos ou dos sonhos que se alçam às nuvens.